

## A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE THE NOTION OF BODY IN SARTRE

Jean Carlos Duarte Pinto Coelho<sup>1</sup>

**Resumo:** O recorte analítico dos ensaios de psicologia e ontologia fenomenológicas, tal como de escritos ficcionais publicados por Jean-Paul Sartre ao longo das décadas de 30 e 40, revela a elaboração de uma concepção filosófica de corpo. Entre os primeiros ensaios, *A transcendência do ego* (1936), *A imaginação* (1936) e *O imaginário* (1940) propõem relações e sugerem algumas definições – em particular, a associação do corpo a um objeto mágico; em *Esboço para uma teoria das emoções* (1939), de uma maneira mais direta, Sartre faz referência a um duplo caráter corpóreo – trata-se de um “objeto no mundo”, mas também da “experiência vivida imediata da consciência” (SARTRE, 1939/2008, p. 77). Uma proposta teórica mais aprimorada surge apenas em 1943, com a publicação de *O ser e o nada* e um capítulo dedicado aos modos de ser do corpo: o para-si, o para-outro e o “para-si-para-outro”. O corpo é facticidade; a textura contingente da consciência ou a relação unívoca com o mundo - “Existo meu corpo” (SARTRE, 1943/2015, p. 441). Todavia, é ainda objeto que remete a uma alteridade; relação com o mundo e consigo, a qual transcendo – um objeto psíquico. Ademais e, por fim, aponta para um eu alienado, resultado de minha apreensão como objeto para o outro. Essa abordagem ontológica e dialética demarcaria, ao mesmo tempo, pontes e fraturas em relação aos textos de psicologia fenomenológica, e colocaria em evidência a ficção sartreana, em especial o romance *A Náusea*, como referência teórica crucial, dada a confluência entre as noções de corpo e contingência.<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Corpo; consciência; psique; contingência; alteridade.

**Abstract:** The analytical cut of the essays of phenomenological psychology and ontology, as well as of fictional writings published by Jean-Paul Sartre throughout the 1930s and 1940s, reveals the elaboration of a philosophical conception of body. Among the first essays, *The Transcendence of the Ego* (1936), *The Imagination* (1936), and *The Imaginary* (1940) propose relations and suggest some definitions – in particular, the association of the body with a magical object; in *Sketch for a Theory of the Emotions* (1939), in a more direct way, Sartre refers to a double corporeal character-it is an "object in the world," but also the "immediate lived experience of consciousness" (SARTRE, 1939/2008, p. 77). A more refined theoretical proposal appears only in 1943, with the publication of *Being and Nothingness* and a chapter dedicated to the body's modes of being: the for-itself, the for-other and the "for-itself-for-other". The body is facticity; the contingent texture of consciousness or the univocal relation to the world - "I exist my body" (SARTRE, 1943/2015, p. 441). However, it is also an object that refers to an otherness; a relation with the world and with oneself, to which I transcend - a psychic object. Moreover, and finally, it points to an alienated self, the result of my apprehension as an object for the other. This ontological and dialectical approach would demarcate, at the same time, bridges and fractures in relation to the phenomenological psychology texts, and would put in evidence the Sartrean

<sup>1</sup>Mestre e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [carlosjeanduarte@hotmail.com](mailto:carlosjeanduarte@hotmail.com)

<sup>2</sup>O texto reflete, de uma maneira concisa, pesquisa de mestrado sobre a temática. Texto adaptado de apresentação no XIX Encontro da ANPOF (2022).

A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE  
 JOSÉ CARLOS DUARTE PINTO COELHO

fiction, especially the novel *Nausea*, as a crucial theoretical reference, given the confluence between the notions of body and contingency.

**Keywords:** Body; consciousness; psyche; contingency; alterity.

Seduzido pela fenomenologia husserliana, Sartre vive em Berlim entre 1933 e 1934. É bastante sugestivo que, nesse contexto, ao concorrer a uma bolsa de estudos, manifeste seu interesse pelas “Relações do psíquico com o fisiológico em geral” (COHEN-SOLAL, 2008, p. 128). De algum modo, esse empenho se refletiria em seus primeiros ensaios, de psicologia fenomenológica – em particular, através da noção de corpo.

A proposta de uma fundamentação fenomenológica da psicologia pressupõe concepções fulcrais para Sartre, algumas das quais inequívocas – como a de consciência irrefletida (ou ainda, pré-reflexiva ou não-tética). Afirmar uma dimensão egoica e psíquica implica discriminá-la de sua base consciente impessoal e translúcida, jamais “inconsciente de si” e sempre consciente do mundo. Em outros termos, a consciência é fluxo ou movimento em direção às coisas, que, em seu grau mais elementar, capta a si mesma não objetivamente; como tal, é condição para um campo de objetos transcendentais específicos dados pela reflexão – a psique.

Propomo-nos entender: como o tema do corpo surge nesse contexto? Já em *La transcendance de l’ego (A transcendência do ego)* (1936), a noção entremeia as discussões. Em um trecho acerca dos estados psíquicos, o corpo é brevemente definido como “a ‘coisa’ imediata” (SARTRE, 1936/2003, p. 31, grifos nossos); por meio da noção de mímica, em outra passagem, é associado a um objeto de tipo “mágico”:

uma mímica expressiva e fina pode nos apresentar a “Erlebnis” de nosso interlocutor com todo seu sentido, todas as suas nuances, todo seu frescor. Mas ela no-la apresenta degradada, quer dizer, passiva. Estamos deste modo rodeados de objetos mágicos que guardam como que uma recordação da espontaneidade da consciência, mas sem deixarem de ser objetos do mundo. (*Ibidem*, p. 36).

Sartre também afirma que o corpo e suas imagens permitem a definição de um domínio psicofísico. Se, durante uma atividade, outra pessoa pergunta o que faço, respondo rapidamente o que “eu” estou fazendo, ainda voltado à ação (isto é, sem me mover ao plano reflexivo), e o corpo cumpre o papel de símbolo de um Eu-conceito.

No que tange aos trabalhos específicos sobre a imagem – *L’imagination (A imaginação)* (1936) e *L’imaginaire (O imaginário)* (1940) –, constatamos inúmeras descrições e relações que remetem ao tema (sobretudo nessa última). O corpo constitui em

alguns casos o *analogon ou à hylé* à qual a consciência-imagem dá uma forma: “A matéria da imitação é um corpo humano. [...] Como reencontrar Maurice Chevalier através dessas bochechas gordas e pintadas, desses cabelos negros, desse corpo de mulher, dessas roupas femininas?” (*Idem*, 1940/1996, p. 45-46). Se a mímica, em *A transcendência do ego*, remete a nosso interlocutor como objeto mágico, aqui ela se apresenta, além, em referência a um outro objeto, imaginário. No mesmo texto, ainda diz Sartre:

Vômitos, náuseas, dilatação pupilar, reflexos de convergência ocular, ereção parecem pertencer, com os sentimentos correspondentes, à camada estritamente constituinte. Nada mais fácil de compreender se admitimos que a imagem não é um simples conteúdo da consciência entre outros, mas uma forma psíquica. O resultado é que o corpo inteiro colabora na constituição da imagem. (*Ibidem*, p. 181).

Essas referências já nos dariam evidências da posição crucial do tema investigado em meio à proposta de uma psicologia fenomenológica. Não obstante, as passagens revelam-se mais sugestivas do que realmente elucidativas. O que seria uma “coisa” imediata? Como associá-la à noção de objeto mágico? Seria realmente possível o corpo como símbolo do eu, dispensada a dimensão reflexiva? Como associá-lo à imagem, enquanto consciência irrefletida?

Em alguma medida, o ensaio *Esquisse d'une théorie des émotions* (*Esboço para uma teoria das emoções*) (1939) nos forneceria respostas, ao abordar a questão de uma forma mais direta.

Para compreender bem o processo emocional a partir da consciência, convém lembrar o caráter duplo do corpo, que é por um lado um objeto no mundo e, por outro, a experiência vivida imediata da consciência: a emoção é um fenômeno de crença. (SARTRE, 1939/2008, p. 77).

Defender a emoção como um tipo de consciência implica abordá-la enquanto uma unidade sintética entre conduta e perturbações do organismo. Se a primeira dá uma significação funcional ao fenômeno – busca mascarar um fracasso ou a inviabilidade de uma conduta adaptada –, as perturbações conferem à emoção a verdade como uma qualidade existencial. É preciso estar alheio a um mundo prático, regido por relações de instrumentalidade, e imerso em um mundo mágico, reconfigurado em suas qualidades – o que dá ao corpo um papel fundamental. Nesse contexto, o filósofo assinala seu caráter duplo: o corpo é “coisa entre coisas” (*Ibidem*, p. 77), um objeto mundano; mas também é experiência imediatamente vivida pela consciência, seu ponto de vista inerente, sem distância. Se a emoção pode ser analisada em termos de distúrbios localizados (a vasodilatação ou a palidez, a alteração da dinâmica ventilatória, etc.), ela é antes vivida, ao modo irrefletido, e o corpo

A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE  
JOSÉ CARLOS DUARTE PINTO COELHO

assume aqui um caráter diferente: não se trata de um objeto, mas de certo modo a própria vivência; consciência e corpo se confundindo.

Ademais, na continuidade do texto, Sartre explicita pontos-chave acerca da noção de magia, mencionada anteriormente:

a categoria ‘mágica’ rege as relações intersíquicas dos homens em sociedade e, mais precisamente, nossa percepção de outrem. [...] É uma atividade interna, uma consciência apassivada. Ora, é precisamente dessa forma que outrem nos aparece, e isto não por causa de nossa posição em relação a ele, não pelo efeito de nossas paixões, mas por necessidade de essência. [...] Voltaremos mais tarde a essas observações e esperamos mostrar que elas se impõem ao espírito. Assim, o homem é sempre um feiticeiro para o homem, e o mundo social é primeiramente mágico (*Ibidem*, p. 84-85).

O outro fundamentalmente me surge como um corpo misto de espontaneidade e passividade. Um problema crucial da teoria fisiológica de Willian James sobre a emoção<sup>3</sup> (na verdade, das psicologias não fenomenológicas como um todo) seria não reconhecer essa unidade sintética; o corpo acabaria reduzido a uma coisa morta.

Os novos e importantes pontos trazidos à discussão não isentariam o *Esboço*, todavia, de algumas dificuldades. Sobretudo, permaneceria de difícil compreensão o modo como o corpo, imediatamente inerente à consciência irrefletida, poderia ser identificado a uma matéria [*matière*] passiva ou *hylé* – críticas presentes em Cabestan (2004) e Ferretti (2013). “[...] o problema reside em atribuir passividade ao corpo emocionado, mesmo que se conceda a esse um papel capital numa estrutura sintética que, em si, é ativa” (FERRETTI, 2013, p. 149, nota). Com efeito, desde *A transcendência do ego*, Sartre se esforça para evitar algum tipo de reificação da consciência. O próprio autor sugeriria dificuldades em sua interpretação, quando, em *Les carnets de la drôle de guerre (Diário de uma guerra estranha)* (publicação póstuma), credits seu afastamento da fenomenologia husserliana ao fato de que ela evoluiria rumo a um idealismo, como tal, ancorado naquelas concepções de matéria passiva ou *hylé* (SARTRE, 1999, p. 184).

A publicação de um ensaio de ontologia fenomenológica, *O ser e o nada [L’être et le néant]*, em 1943, certamente reaviva as preocupações teóricas dos ensaios psicológicos, ampliando e fundamentando-as. É inegável também que, para além de Husserl e Heidegger, Sartre ali se mostra fortemente influenciado por Hegel, por seus conceitos e método dialético.

---

<sup>3</sup> James (1842-1910) surge como uma importante referência no *Esboço*, representante da chamada teoria fisiológica ou periférica. Ao mesmo tempo em que a critica, Sartre utiliza a teoria como uma ponte rumo a suas próprias concepções (particularmente, ambas pretendem dar ao corpo um papel essencial na emoção). A mesma estratégia discursiva vale para a denominada teoria intelectualista, representada por Pierre Janet (1859-1947), e a psicanálise.

A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE  
 JOSÉ CARLOS DUARTE PINTO COELHO

A ontologia sartriana, de acordo com Hazel Barnes (apud HOWELLS, 2006, p. 15, tradução nossa), funda-se na

distinção entre duas regiões do ser, das quais somente uma é caracterizada como inextricavelmente associada à consciência. Estas são o ser-em-si (*l'être-en-soi*) e o ser-para-si (*l'être pour-soi*), mas na medida em que o ser-para-si é, tem o mesmo ser que o ser-em-si. Ele é distinguido apenas pela presença em si mesmo da atividade de negação ativa que experimentamos como consciência.

O ser em-si é idêntico, não remete a si mesmo e é contingente. Ao aplicar uma fissura no maciço, como negatividade da pura positividade, o sentido de ser da consciência é dado por outra região do ser: o para-si. Este é presença a si ou relação consigo, como tal, definido por suas possibilidades ou transcendência; ao mesmo tempo, é presença ao mundo, definido em sua situação.

Além disso, diz Sartre (1943/2015, p. 289): “Sem sair de nossa atitude de descrição reflexiva, podemos encontrar modos de consciência que parecem indicar, mesmo se conservando estritamente Para-si, um tipo de estrutura ontológica radicalmente diverso”. Trata-se do para-outro. Reconheço-me como um objeto captado pelo olhar do outro, como um eu, que não posso captar por mim mesmo, mas pelo qual sou responsável. É o que evidenciam sensações como vergonha e orgulho.

Se na primeira metade do ensaio ontológico, a questão do corpo já faz-se presente, de maneira difusa, em sua Terceira Parte, voltada justamente a “O para-outro”, Sartre dedica um capítulo exclusivo ao tema, neste se detendo de uma maneira não encontrada em seus outros trabalhos ensaísticos (inclusive vindouros). Propõe descrever os modos de ser ou dimensões ontológicas corpóreas: I) o para-si (ou facticidade); II) o para-outro; e III) uma terceira dimensão (que poderíamos nomear, livremente, “o para-si-para-outro”<sup>4</sup>). Esses modos de ser, pondera o filósofo, são dados segundo a ordem do próprio ser e são irreduzíveis entre si.

Sartre parte de, mas criativamente interpreta os tratamentos fenomenológicos do corpo então disponíveis, a serem encontrados, embora bastante dispersos, na tradição fenomenológica, especialmente como poderia tê-la encontrado em Edmund Husserl e Max Scheler, mas também fortemente influenciado por sua leitura da consideração de Martin Heidegger sobre a situação e a facticidade do *Dasein* em *Ser e tempo*. [...] No fundo, claro, está uma tradição estabelecida, e predominantemente francesa, de discussão fisiológica e psicológica do corpo e sua relação com a experiência de consciência em primeira pessoa encontrada em Descartes, Condillac, Maine de Biran, Comte, Bergson, Maurice Pradines, Gabriel Marcel, Gaston Bachelard, e outros, com os quais Sartre (como Merleau-Ponty) era sem dúvida

<sup>4</sup> Formulação presente em Dillon (1974) e Morris (2010).

A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE  
 JOSÉ CARLOS DUARTE PINTO COELHO

familiar, pelo menos de seus estudos universitários. (MORAN apud MORRIS, 2010, p. 42, tradução nossa).

O corpo-para-si, ou facticidade, manifesta o ser contingente do para-si, isto é, a presença ao mundo ou a condição situada da realidade humana, constantemente transcendida por seus possíveis. Desse modo, essa dimensão corpórea não pode ser definida fora das relações com o mundo – que a indica abstratamente como um centro de referência – nem ser apartada da consciência, já que é sua textura contingente e não teticamente dada.

Não se trata de uma entidade anatômica localizada em um espaço euclidiano – como um objeto ou em-si puro em meio a seus idênticos –; trata-se de corpo que modela (e remodela) o espaço (hodológico, com base em Kurt Lewin). É o que os sentidos e a ação evidenciam: definem, respectivamente, um ponto de vista e um instrumento que ordenam o mundo, e que não conheço nem utilizo, mas *sou*.

Nesse sentido, meu corpo está por toda parte no mundo: está tanto lá adiante, no fato de que o poste luminoso esconde o arbusto que cresce na calçada, [...] no fato de que o automóvel que passa rumo da direita para a esquerda, detrás do caminhão, ou de que a mulher atravessando a rua parece menor do que o homem sentado à varanda do bar. Meu corpo, ao mesmo tempo, é coextensivo ao mundo, está expandido integralmente através das coisas e concentrado nesse ponto único que todas elas indicam e que eu sou sem poder conhecê-lo. (SARTRE, 1943/2015, p. 391).

Ao mesmo tempo, “a consciência existe seu corpo” (*Ibidem*, p. 416), isto é, “existio meu corpo” (*Ibidem*, p. 441). Enquanto tal, diz o autor francês, o corpo se confunde com a afetividade original, a exemplo da dor ou prazer puros, ou de um tipo de gosto insípido denominado “náusea”. Em outros termos, o corpo-para-si manifesta a própria consciência, irrefletida ou não-tética, mas não como transcendência, e sim como contingência ou facticidade, enquanto o ser do para-si, constantemente transcendido.

Esse ‘superar’ constitui a essência da intencionalidade entendida como autotranscendência. É por causa de nosso direcionamento intencional ao mundo que temos que ultrapassar, superar, transcender o corpo. Mas, certamente, esse superar do corpo por nenhum meio o elimina [...]. Para Sartre, nossa transcendência em direção ao mundo é parte do que ele toma como nosso original ‘surgimento no mundo’. (MORAN apud MORRIS, 2010, p. 49, tradução nossa).

Sartre desenvolve aqui a concepção de um corpo vivido, tal qual apontada em *Esboço para uma teoria das emoções*. Entretanto, agora, se contrapõe explicitamente à associação da afetividade original (ou do corpo) a uma matéria passiva ou um dado hilético; a afetividade original não se confundir com uma “hylé” levada pelo fluxo da consciência” (SARTRE,

A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE  
JOSÉ CARLOS DUARTE PINTO COELHO

1943/2015, p. 418). Em termos formais, o corpo permanece um signo transcendido rumo a uma significação; mas se revela a própria consciência enquanto esta o existe. O filósofo apontaria para uma unidade e, simultaneamente, para uma tensão inelutável entre a facticidade e a transcendência; entre ser-aí, no mundo, e não ser, como possibilidade para além do ser. Voltaremos a esse ponto.

O segundo modo de ser, o corpo-para-outro, remete a uma dimensão corpórea objetiva; não vivida, mas conhecida. Também apenas pode ser alcançada em sua relação sintética com o mundo e a consciência; mais do que isso, em sua relação com o outro ou a alteridade. Trata-se de um "corpo-mais-do-que-corpo" (SARTRE, 1943/2015, p. 440), um objeto psíquico (ou mágico) na medida em que facticidade e transcendência se confundem – transcendendo a transcendência do outro. Por um lado, o corpo do outro surge como um centro de referência secundário, indicado pelos objetos com os quais me relaciono; por outro, ele é carne: é corpo explícito, dado em sua própria relação totalizante com os objetos e com um corpo-fundo (vida). Assim, há uma diferença crucial entre o corpo-para-outro, que nada mais é que o outro – fundamentalmente, em situação –, e o cadáver, um isto em relação de exterioridade com outros istos, ser que não mais se transcende.

Sartre elabora, portanto, aquilo que fora indicado nos outros ensaios, alicerçando-os.

Não podemos sair disso: o “objeto psíquico” está inteiramente entregue à percepção e é inconcebível fora das estruturas corporais. [...] O corpo é o objeto psíquico por excelência, *o único objeto psíquico*. Mas, se considerarmos que o corpo é transcendência-transcendida, sua percepção não poderia, *por natureza*, ser do mesmo tipo da percepção dos objetos inanimados. (SARTRE, 1943/2015, p. 436).

Por fim, o terceiro modo de ser manifesta a experiência de ser um objeto para outro, alcançado pelo outro, em particular, pelo olhar. É o que traduzem afetos como vergonha, orgulho e medo: o outro me indica um “eu”, mas que não posso conhecer por mim mesmo; trata-se de um corpo alienado. Não obstante, essa experiência permite utilizar-me do outro para conhecer-me; por meio da linguagem, estabeleço (no vazio) uma relação analógica entre meu corpo e o corpo-para-outro.

Como já dito, as dimensões ontológicas são irredutíveis entre si – o que vai de encontro à distinção mais ampla, desenvolvida ao longo da obra, entre para-si e para-outro. Destarte, o filósofo se opõe à formulação do chamado fenômeno da dupla sensação, segundo o qual o corpo poderia ser vivido e conhecido, “concomitantemente” (mãos que se tocam ou mãos que tocam as próprias pernas: cada um dos membros, ao mesmo tempo, sentiria e seria

A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE  
JOSÉ CARLOS DUARTE PINTO COELHO

sentido). Tal interpretação, para Sartre, nega a ordem do ser e jamais fundamentaria uma teoria da corporeidade; ainda que em alguns casos possa assumir a condição do outro em relação a meu próprio corpo, o corpo conhecido sempre pressupõe um corpo vivido.

Para Merleau-Ponty e alguns de seus comentadores, como Martin Dillon, Sartre acabaria por somente reconfigurar o problema alma-corpo; a divisão entre um corpo-vivido (para-si) e um corpo-objeto (para-outro) manteria um dualismo fundamental de tipo cartesiano, ainda que esse não fosse o propósito.

Portanto, o problema não é o de saber como a alma age sobre o corpo objetivo, já que não é sobre ele que ela age, mas sobre o corpo fenomenal. Desse ponto de vista, a questão se desloca; agora se trata de saber por que existem duas visões sobre mim e sobre meu corpo: meu corpo para mim e meu corpo para o outro, e como esses dois sistemas são possíveis. Com efeito, não basta dizer que o corpo objetivo pertence ao “para outro”, meu corpo fenomenal ao “para mim”, e não se pode recusar a colocar o problema de suas relações, já que o “para mim” e o “para outro” coexistem em um mesmo mundo, como o atesta minha percepção de um outro, que imediatamente me reconduz à condição de objeto para ele. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 625).

Em defesa de Sartre, entretanto, conviria ressaltar mais uma vez a importância atribuída à noção de totalidade ou unidade sintética, ou de concretude, dentro de uma concepção dialética. “Laporte diz que caímos na abstração se pensamos em estado isolado naquilo que não foi feito para existir isoladamente. Ao oposto, o concreto é uma totalidade capaz de existir por si mesma.” (SARTRE, 1943/2015, p. 43). Em cada modo de ser do corpo, enquanto uma totalidade sintética, haveria uma tensão própria entre para-si e em-si. Igualmente, os modos de ser, entre si mesmos, revelariam um conflito fundamental, mas relativo a uma só noção de corpo. Entendê-la é entender o humano, em sua concretude conflituosa, enquanto totalidade destotalizada.

Ao que nos parece, para além de *O ser e o nada*, uma grande referência, no que toca a este ponto, é a literatura sartriana, entendida não como mera exemplificação das teorias expostas nos ensaios, mas como uma forma específica de se pensar questões filosóficas. É inerente à atividade artística a abertura à multiplicidade de sentidos; ademais, no caso de Sartre, o fazer literário aponta para um autor engajado, voltado a sua própria situação ou presença no mundo, e às *situações* dos personagens fictícios. Tratar-se-ia de um lugar extremamente profícuo ao concreto conflituoso – em especial, à abordagem à corporeidade.

Ainda em *O ser e o nada*, o filósofo nos fornece uma referência fundamental ao explicitar a confusão entre a consciência do corpo e a experiência nauseante, citando seu

A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE  
JOSÉ CARLOS DUARTE PINTO COELHO

romance *A Náusea*, publicado anos antes (SARTRE, 1943/2015, p. 426). Aliás, essa confusão é explorada, no ensaio, em cada modo de ser corpóreo.

Se nos voltamos ao romance, a náusea é a consciência da contingência que tanto *afeta* Roquentin. Em confluência com outros estudiosos, como Izumi-Shearer (1976), Gilles Tiberghien (2008), Luiza Hilgert (2020) nos parece plausível uma “leitura-ponte” entre o romance e o trabalho de ontologia, segundo a qual as dimensões ontológicas do corpo se revelariam pela obra ficcional. Isso por meio de descrições, metáforas, jogos de palavras. Particularmente, poderíamos destacar o conflito constante entre corpo-mundo-consciência. O corpo é o que aproxima o humano e o não humano.

É o reflexo de meu rosto. Muitas vezes, nesses dias perdidos, fico a contemplá-lo. Não entendo nada desse rosto. Os dos outros têm um sentido. O meu não. Sequer posso decidir se é bonito ou feio. Acho que é feio, porque me disseram. Mas isso não me impressiona. No fundo, até me choca que se possam atribuir a ele qualidades desse gênero, como se se chamassem de bonito ou feio um bocado de terra ou um bloco de rocha. (SARTRE, 1938/1991, p. 34)

Com isso não queremos dizer que todas as teses de uma ontologia do corpo estejam ali presentes; afinal, observamos que o romance foi publicado em 1938, e o *Esboço*, que sugeriria uma associação problemática corpo-consciência-passividade, em 1939. Em todo caso, é inegável a proximidade, em particular, através da associação entre corpo e contingência. Esta, por sinal, revela-se outrossim em ao menos outro escrito ficcional precedente: o conto *Intimidade*. É icônica a pergunta de Lulu, em suas reflexões: “por que é preciso que tenhamos corpos?” (SARTRE, 1939/2017, p. 83).

A obra ficcional traria à tona ainda outras relações, como aquela entre corpo e poder. Citemos novamente *A Náusea*, em passagem sobre a elite de Bouville.

[...] no momento de passar para a posteridade, se tinham confiado a um pintor de renome para que este operasse discretamente em seus rostos aquelas dragagens, aquelas escavações, aquelas irrigações, através das quais, a toda volta de Bouville, eles haviam transformado o mar e os campos (SARTRE, 1938/1991, p.34).

Se, na perspectiva sartriana, o termo “noção” (em contraposição a “conceito”) é o mais adequado para se referir a uma unidade dinâmica à qual se volta a filosofia, a “um pensamento em movimento, que gradualmente se dá as suas determinações, esforçando-se por abordar o concreto” (TOMES apud NOUDELIMANN e PHILIPPE, 2004, p. 99), o corpo é uma noção, basilar à filosofia de Sartre, em particular, e às discussões contemporâneas, em geral, ao menos como ponto de partida rumo a novas significações.

## Referências

- CABESTAN, P. “What is it to move oneself emotionally? Emotion and affectivity according to Jean-Paul Sartre”. Tradução de Kirk M. Besmer. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 3, n. 1, p. 81-96, mar., 2004.
- COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre**: uma biografia. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- DILLON, M. C. “Sartre on the phenomenal body and Merleau-Ponty's critique”. *Journal of the British Society for Phenomenology*, v. 5, n. 2, p. 144-158, 1974.
- FERRETTI, M. G. “O estatuto do corpo em “Esquisse d’une théorie des émotions”, de Jean-Paul Sartre”. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, n. 3, p. 129-154, set./dez., 2013.
- HILGERT, L.H. **Natureza e liberdade**: o corpo na ficção sartriana. *É: Revista Ética e Filosofia Política*, v. I, n. XXIII, jun., 2020.
- HOWELLS, C. **The Cambridge Companion to Sartre**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- IZUMI-SHEARER, S. Le corps ambigu chez Jean-Paul Sartre . *Etudes de langue et littérature francaises*, v. 28, p. 96-115, 1976.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORRIS, K.J. (Ed.) **Sartre on the Body**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.
- NOUDELMANN, N. et PHILIPPE, G. (Direction). **Dictionnaire Sartre**. Paris: Éd. Champion, 2004.
- SARTRE, J-P. **A imaginação**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes: Nova Cultural, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A transcendência do ego**: esboço de uma descrição fenomenológica. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Esquisse D’une théorie des émotions**. Paris: Hermann, 1995.
- \_\_\_\_\_. **La Nausée**. Saint-Amand: Gallimard, 1972.

A NOÇÃO DE CORPO EM SARTRE  
JOSÉ CARLOS DUARTE PINTO COELHO

\_\_\_\_\_. **L'être et le néant**: essai d'ontologie phénoménologique. Paris: Gallimard, 1976.

\_\_\_\_\_. **O imaginário**. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **O muro**. Tradução de H. Alcântara Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

\_\_\_\_\_. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **War Diaries**: Notebooks from a Phoney War 1939-1940. Tradução de Quintin Hoare. Verso: Londres, 1999.

TIBERGHIEEN, G. A. **Courts-circuits**. Paris: Du Felin, 2008.

Data de submissão: 05/05/2023

Data de aprovação: 02/06/2023